



EDITORIAL

POR UM ENSINO INSERIDO NA LINGUAGEM VIVA!

Por Érika Christina Kohle

Ilyenkov (2007), filósofo marxista soviético, estudou as teorias do conhecimento e deu ênfase à unidade entre o subjetivo e o objetivo, quando discutiu questões de psicologia e educação. Estudou ainda aspectos do desenvolvimento do pensamento e a apropriação do conhecimento no ensino escolar, especialmente na relação entre a escola e teoria histórico-cultural.

Ele critica a escola apoiada na escolástica, promotora de um ensino que enxerta e entulha a cabeça das crianças de conteúdos inúteis. Ressalta que esse tipo de ensino pode trazer resultados perigosos, como a formação de “[...] uma pessoa obtusa ou de mente estreita”. (ILYENKOV, 2007, p. 16).

Na contramão da posição teórica da escolástica por ele criticada, o NAHum assume outro pressuposto, o de que as relações da criança com a cultura dá-lhe condições para seu desenvolvimento, porque o homem é um ser de natureza social e tudo que há de humano nele provém da sua vida em sociedade. Cada geração começa a sua vida em um mundo criado pelas gerações precedentes e se apropria das riquezas deste mundo ao participar das diferentes formas de atividade social para transformar suas condutas em condutas especificamente humanas.

O NAHum luta por um ensino que promova o desenvolvimento intelectual, moral e ético; que propicie condições objetivas de participação social às crianças.

Isso só é possível quando o professor organiza sua prática considerando as necessidades das crianças

para incluí-las em atividades com as quais e pelas quais elas encontrem sentido e motivo no que fazem na escola e em suas vidas.

A escola se conscientiza, então, de que, quando o ensino visa à simples transmissão de conteúdo, o conhecimento que daí decorre é meramente formal, descritivo, calcado em definições, explicações e exercícios para a sua fixação, sem impacto na formação humana.

Na organização do processo de ensino-aprendizagem da linguagem escrita, ao provocar situações de criação de enunciados escritos para um interlocutor, em que o ato de escrever se torne uma necessidade para a criança, o professor fornece as condições propícias para ela considerar tal ato crucial para sua vida, encontrando motivo para agir e aprender. Trabalhar com os diversos gêneros do enunciado leva a criança a compreender a linguagem escrita como um processo de interlocução entre sujeitos, e a se inserir no fluxo infinito de encadeamento de enunciados trocados entre os participantes desse processo essencialmente humano. Desta forma, os princípios escolásticos criticados por Ilyenkov (2007, p. 29) desaparecem para dar lugar ao que salva a criança – “a vida real [que teima em permanecer viva] ao redor da escola”.

Referência: ILYENKOV, E. Our Schools Must Teach How to Think! In: *Journal of Russian and East European Psychology*, vol. 45, n. 4. Jul–Aug 2007, p. 9–49.

DE PROFESSOR PARA PROFESSOR

A APRENDIZAGEM DA ESCRITA E OS TEXTOS DO COTIDIANO

Por *Érika Christina Kohle*

O acesso de crianças à Educação Básica na segunda metade do século XX não foi acompanhado pela ênfase na qualidade dos processos de ensino necessários para sua formação. Ainda hoje, segunda década do século XXI, esse é um objetivo a ser atingido, não pelas políticas públicas, porque o seu interesse é outro, mas por iniciativas de trabalhos coletivos e solidários da área de Educação.

Nestas duas primeiras décadas do século XXI, foram elaborados, na área de alfabetização, o Pró-letramento (2008), o Plano Nacional de Alfabetização na Idade Certa (2014) e o Programa Mais Alfabetização (2018). Tais políticas governamentais, de esquerda e de direita, não alteraram nem os dados qualitativos, nem os quantitativos na alfabetização, conforme demonstram dados da pesquisa Educação 2017, divulgada no mesmo ano, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), baseada nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua (Pnad – Contínua), que afirma haver 11,5 milhões de analfabetos com mais de 15 anos no Brasil.

Em 2019, o governo de extrema-direita pôs em marcha a Política Nacional de Alfabetização com o decreto nº 9.765, capítulo V, artigo 8º, parágrafo VI, que prega a “produção e disseminação de sínteses de evidências científicas e de boas práticas de alfabetização, de literacia e de numeração” (BRASIL, 2019). Especificamente em relação ao ensino da escrita, o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa Educacionais Anísio Teixeira (INEP), para fortalecer a política conservadora, divulgou dados gerados como resultado da Avaliação Nacional da Alfabetização (ANA) – Edição 2016, indicadores em que alunos do terceiro ano de Ensino Fundamental foram classificados como

insuficientes. O percentual de insuficiência na alfabetização no Brasil, no ano de 2016, foi de 51,22% para a região centro-oeste, 44,92% para a região sul, 43,69% para a região sudeste, 69,15% para a região nordeste e 70,21% para a região norte. É preciso, contudo, submeter a elaboração da ANA, seus objetivos e conteúdos, a análises que tenham outras concepções de alfabetização.

Levando em conta esse cenário, o NAHum tem o objetivo de contribuir para a reflexão acerca do processo de ensino-aprendizagem da linguagem escrita, defendendo o processo de apropriação de atos de escrita pelas crianças, na perspectiva de Volóchinov, de Bakhtin e de Medvédev, por meio de textos vivos pelos quais se estabelecem as relações entre os usuários da linguagem escrita. Os enunciados escritos medeiam a interação entre os sujeitos e abrem as múltiplas possibilidades de sentidos das palavras, uma vez que “[...] o emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana” (BAKHTIN, 2016, p. 11).

“A linguagem é, então, concebida como um objeto social, e a interlocução, como um processo que ocorre por meio de enunciados em uma determinada situação enunciativa, dependente de respostas dos interlocutores.”

Por esse motivo, as propostas de escrita baseadas no oferecimento diversificado de gêneros dos enunciados para as crianças em fase de alfabetização se embasam no entendimento da linguagem escrita como objeto social em situações de interação com o outro – um interlocutor real – inscrita em suportes condizentes com os interesses e necessidades das crianças.

Para que essa proposta se realize, uma alternativa possível seria levar a cabo projetos que viabilizem a concretização da escrita real e necessária. Por meio da escolha do tema, determinado pelas especificidades de cada situação social de troca verbal e pela intenção de troca, a criança vai se apropriando pouco a pouco das formas de escrever que cada tema solicita.

Por meio desse tipo de abordagem, é possível, também, compreender a função que a escrita real desempenha no desenvolvimento das crianças quanto à aprendizagem dos atos de escrita durante a própria atividade de criação, diferentemente dos processos de alfabetização que se realizam por meio de exercícios que configuram a escrita destituída de intenções, como transcrição da fala, porque

[...] os efeitos desse ensino são tragicamente evidentes, não apenas nos índices de evasão e de repetência, mas também nos resultados de uma alfabetização sem sentido que produz uma atividade sem consciência: desvinculada da práxis e desprovida de sentido, a escrita se transforma num instrumento de seleção, dominação e alienação. (SMOLKA, 1989, p. 38).

Por esse enfoque criticado pela autora da citação, a escrita teria um fim em si mesma e conduziria ao conhecimento estrito dos aspectos técnicos do sistema. De modo diverso, quando o professor ensina o aluno a escrever por atos reais de escrita, enfatizando o modo como a linguagem se materializa no dia a dia das pessoas,

por meio do enunciado e de suas condições de produção, a criança desenvolve a compreensão de como os textos são criados tanto no plano de seus conteúdos quanto no plano de suas formas.

“ Considera-se, então, o ato de escrever como construção de enunciados puros de sentido por meio do estabelecimento de relações dialógicas. ”

Entretanto, o ensino da escrita que se fecha em si mesmo ainda acontece na escola e se apoia na concepção mecanicista e associativa do processo de aprendizagem. Na prática, ainda se percebe a aprendizagem fragmentada da escrita, que se dá a partir das unidades da língua (fonemas, sílabas ou letras) de forma descontextualizada, e o processo de ensino da linguagem escrita configura-se como uma transmissão de técnicas que tem como foco a caligrafia e o estabelecimento de relações entre fonemas e grafemas, de forma imposta, por não ter origem nas necessidades de leitura e escrita das crianças.

Referências: BAKHTIN, M. M. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Editora 34, 2016.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. *Avaliação Nacional da Alfabetização: resultado 2016*. Brasília, DF: INEP, 2016. Disponível em: <http://inep.gov.br/educacao-basica/saeb/sobre-a-ana>

SMOLKA, A.L.B. *A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

EU FAÇO ASSIM

RELATOS DE EXPERIÊNCIAS: A FORMAÇÃO DA CRIANÇA AUTORA DE ENUNCIADOS ESCRITOS

Por Vanilda G. de Lima

Com base no enfoque histórico-cultural da psicologia, representado por Vygotsky (1896-1934) e seus colaboradores, concebo a escrita como instrumento cultural complexo, essencial para o desenvolvimento e a formação da inteligência na criança, pois seu processo de apropriação e objetivação passa pela realização e pelo desenvolvimento de múltiplas atividades de expressão das capacidades humanas como o desenho, a pintura, a linguagem, a modelagem, as brincadeiras de jogo de papéis, a dança e a poesia. Nesse sentido, a gênese da função social da escrita está em íntima relação com a realização, por parte da criança, de atividades que visem a responder à necessidade de a criança escrever, de expressão e de interação sociocultural com o outro, ou seja, fundamenta-se nos processos de apropriação e de objetivação dos conteúdos culturais que respondem às necessidades da criança como sujeito histórico-cultural.

Ao escrever, ela expressa para o outro seus desejos, sonhos, sentimentos, informações, descobertas e experiências. Em outros termos, ela utiliza a linguagem em sua função social, inserindo-se em práticas de leitura e de escrita que supõem um processo de apropriação e de objetivação dos atos de leitura e de escrita que se inicia, de forma sistematizada, logo nos primeiros anos da educação escolar. “[...] Quando cultivamos nas crianças o desejo de expressão, quando criamos nelas a necessidade da escrita, respondemos ao apelo de Vygotsky para que os educadores ensinem às crianças a linguagem escrita e não as letras” (MELLO, 2010, p. 184).

Nesse sentido, a prática apresentada neste espaço do boletim fundamenta-se teoricamente na concepção de escrita como instrumento cultural complexo defendida por Vygotsky e por nós assumida, aliada aos princípios da pedagogia Freinet, particularmente a Roda de Conversa (FERREIRA, 2003), para criar a necessidade dos registros escritos dos relatos orais de experiências cotidianas.

A prática de alfabetização aqui apresentada foi desenvolvida com uma turma de 1º ano, de uma escola pública municipal, em 2014.

Ao chegarem na escola, as crianças, como sempre acontece, traziam consigo suas experiências e desejos de compartilhá-las com seus colegas. Levando esse fato em consideração, todos os dias iniciávamos nosso encontro com a Roda de Conversa, para propiciar momentos dedicados à fala e à escuta de todas, para satisfazer as necessidades de interação verbal e sociocultural com o outro. Após a realização da Roda de Conversa, seguindo ordem coletivamente pré-estabelecida, a cada dia uma criança registrava seu relato oral por meio da escrita feita com a minha colaboração. Nesse processo, eu ensinava a criança a pensar, a lidar com a fala interior, a fazer escolhas de sentidos e, a partir deles, fazer as escolhas dos caracteres para compor as palavras e os enunciados. Em seguida, ela registrava seu relato em uma folha, fazia uma ilustração, e o colava em um mural afixado na parede da sala de aula para visualização e leitura diária.

Abaixo, vê-se um relato e a ilustração registrados por uma criança do 1º ano. Nessa proposta de relato de experiência, em 2014, usei a caixa alta em letras de imprensa, mas agora estou convencida de que a melhor escolha é a dupla caixa, como se vê nos textos do cotidiano, com a intenção de preservar a função da maiúscula como indicadora de sentido, e insisto nos espaços em branco para que a criança elabore o conceito de palavra.



O relato de experiência possibilita o registro escrito da criança como sujeito autor e escritor de seus próprios enunciados a partir de suas experiências cotidianas. Exemplo disso é o relato que aparece na figura anterior. Nele, podemos perceber que há uma relação socioafetiva entre a criança e sua madrinha, externada por ela no momento da “Roda de Conversa”, contando sobre sua visita à casa dela.

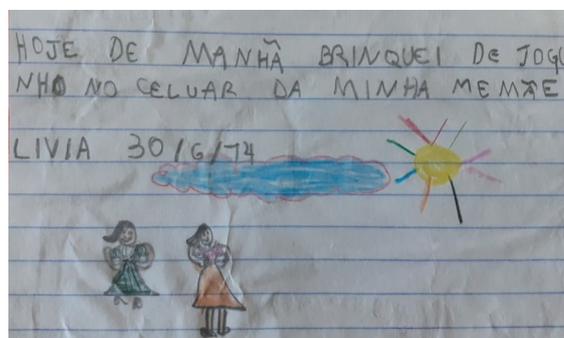
No relato abaixo, podemos constatar que a criança fez uso da escrita com a função social de registro, ou seja, deixou registrado o planejamento de ações relacionadas a suas expectativas futuras, explicitando seu desejo de tomar sorvete e sua preferência quanto ao sabor a escolher e à pessoa com quem gostaria de realizar esse desejo.



As práticas de alfabetização que valorizam os enunciados escritos das crianças, consideradas seres histórico-sociais, propiciam o desenvolvimento de suas capacidades humanas superiores. A proposta de trabalho com o gênero relato de experiência favorece o desenvolvimento de uma dessas capacidades: a linguagem oral e escrita, que, de nosso ponto de vista, desenvolve-se por meio da interação dialógica propiciada pela Roda de Conversa e pelo registro escrito, inicialmente viabilizado pela atividade de escrita orientada e executada pelo professor alfabetizador quando a criança ainda não escreve sozinha.

Defendemos que o desenvolvimento da escrita “[...] É um processo de diálogo que se estabelece entre a criança e a cultura, processo esse que, na escola, é mediado pela professora e pelas outras crianças. Isso implica, essencialmente, dar voz à criança e permitir sua participação na vida da escola [...]” (MELLO, 2010, p.185).

O relato de experiência considera e valoriza os enunciados como objeto e produto de ensino e aprendizagem da linguagem escrita e, aliado à técnica da Roda de Conversa, favorece a realização de outra técnica freinetiana – a produção do texto-livre. Com o texto-livre a criança pode ter a escrita como instrumento de formação e desenvolvimento humano. A criança relata suas experiências, seus sentimentos, ideias, as ações passadas, presentes e futuras. No relato abaixo, a criança registrou sua ação realizada no dia, demonstrando acompanhar os usos dos recursos tecnológicos nas experiências cotidianas, isto é, brincar com o celular da mãe.



Os desenhos são formas de representação do processo histórico-cultural de apropriação da linguagem escrita. Por isso é uma boa conduta solicitar às crianças o registro escrito e também a realização de desenhos para ilustrar os enunciados.

Pela Roda de Conversa e registro do relato de experiência com meu auxílio, as crianças foram se apropriando da escrita e de seus atos, objetivando diferentes enunciados, constituindo-se autoras de textos.

Referências: MELLO, S. A. A apropriação da escrita como instrumento cultural complexo. In: MENDONÇA, S. G.; MILLER, S. (Orgs.). *Vigotski e a escola atual: fundamentos teóricos e implicações pedagógicas*. Araraquara: J.M. Editora e Cultura Acadêmica Editora, 2010, p. 181 – 202.

FERREIRA, Gláucia de Mello (Org.). *Palavras de professor(a): reflexões e tateios na prática da pedagogia de Freinet*. – Campinas. SP: Mercado das Letras, 2003.

DIÁLOGO COM OS LEITORES

O boletim é um bom material para os estudantes de Pedagogia e professores alfabetizadores. Somos instigados a construir novas formas de compreender a alfabetização diante dos desmontes provocados pelas políticas públicas. O boletim defende o direito das crianças ao acesso a uma linguagem viva, constitutiva dos atos humanos. Sigamos na luta!. Fernanda Duarte Araújo Silva, Professora da Faculdade de Educação – UFU, Uberlândia, MG.

Os escritos do boletim destacam a necessidade de dar voz e vez às crianças para que façam da escrita uma extraordinária ferramenta para registrar suas vivências e seus saberes! Simene Coelho, Professora da EMEI do Bairro Marta Helena – Uberlândia, MG.

COMPARTILHANDO IDEIAS

Tapetes para contar histórias

Há muitas maneiras de contar história para crianças. Uma delas é com tapete. Sobre isso, fala a professora Carla Fernanda Silvino - Educadora infantil na rede municipal de ensino de Uberlândia, MG.

Dagoberto: Carla, em 2018, estivemos em uma escola rural do município de Barreirinhas, no Maranhão. Naquele dia você e sua professora Adriana contaram uma história com um tapete. Como você aprendeu essa relação entre tapete e contação de histórias?

Carla: Na disciplina Metodologia de língua portuguesa, ministrada pela professora Adriana Pastorello, aprendi alguns modos de contar histórias, entre elas a do tapete. Fiquei encantada com ele, e, por ser artesã, achei que essa forma seria a mais

próxima de minhas habilidades. Eu trabalhava com bordado e com feltro, por isso encontrei nele a melhor ferramenta para eu contar histórias.

Dagoberto: Como você constrói os tapetes?

Eu escolho a história, de acordo com a idade das crianças, analiso as ilustrações e faço o tapete de duas maneiras, conforme as ilustrações, porque não sou desenhista. Na primeira, faço um cenário bem simples, por exemplo, uma floresta com algumas árvores e aves. Construo os personagens em feltro, separadamente. A base é de algodão cru e a parte de cima é de feltro. A segunda maneira depende das ilustrações também. Quando elas são bem claras, as copio e as faço diretamente no tapete. Eu o divido em partes e faço cenários de acordo com a sequência das ilustrações.

Dagoberto: Quais são os formatos dos tapetes?

O formato pode ser quadrado, redondo ou retangular. Eu prefiro o redondo, porque posso dividir os cenários como as páginas do livro. Quando o cenário está fielmente retratado, eu faço os personagens, os bonequinhos, e vou colando-os com velcro no cenário enquanto conto a história.

FIQUE POR DENTRO

Caras professoras e caros professores,

Querem conhecer a realidade dos povos indígenas brasileiros, contada pelos próprios indígenas? Então, visitem o site:

<https://www.thydewa.org/download> e o www.youtube.com/mensagensdaterra, canais pulsantes de vida, memórias, histórias, costumes e muito da identidade de vários povos indígenas e seu amor pela Mãe Terra.